



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA

CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA – CESP
DEPARTAMENTO DE LETRAS

FRANCIELDA DE SANTANA SÁ

**O NATURALISMO EXAGERADO NA OBRA *BOM CRIULO* DE
ADOLFO CAMINHA**

PRESIDENTE DUTRA - MA

2020

FRANCIELDA DE SANTANA SÁ

**O NATURALISMO EXAGERADO NA OBRA *BOM CRIOULO* DE
ADOLFO CAMINHA**

Monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra – CESPd como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, língua portuguesa e respectivas literaturas de língua portuguesa.

Orientador: Carliane Miranda Carneiro Aguiar

Presidente Dutra – MA

2020

Sá, Franciêlda de Santana.

O naturalismo exagerado na obra Bom Crioulo de Adolfo Caminha / Franciêlda de Santana Sá. – Presidente Dutra, MA, 2020.

35 folhas

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Profa. Esp. Carliane Miranda Carneiro Aguiar.

1.Bom Crioulo. 2.Adolfo Caminha. 3.Naturalismo. O naturalismo exagerado na obra Bom Crioulo de Adolfo Caminha

CDU: 821.134.3(81).09

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665

FRANCIELDA DE SANTANA SÁ

**O NATURALISMO EXAGERADO NA OBRA BOM CRIOULO DE
ADOLFO CAMINHA**

Monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra – CESPd como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, língua portuguesa e respectivas literaturas de língua portuguesa.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Carliane Miranda Carneiro Aguiar

(Orientador)

Prof. Douglas de Sousa

(1º Examinador)

Prof. Jonh Jefferson do Nascimento Alves

(2º Examinador)

Dedico

Ao meu esposo Márcio, minha filha Manoela e meus amigos Mateus, Patrícia, Joicyellen e Jaymara.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de entrar numa universidade, em segundo lugar ao meu esposo Márcio por todo apoio durante estes quatro anos vivendo para os livros e trabalhos acadêmicos. A minha gratidão é a todos os meus professores e amigos em especial àqueles que sempre me impulsionaram a crescer e a nunca desistir do que eu almejava. E por último as pessoas que cuidaram da minha filha para que eu pudesse realizar meu sonho. A todos que de alguma forma contribuíram para o meu sucesso, meu obrigada! Que Deus abençoe a vida de cada um!

*Todas as coisas cooperam para o bem
daqueles que amam a Deus, daqueles
que são chamados segundo o seu propó-
sito*

ROMANOS 8: 28

RESUMO

Adolfo Caminha, romancista cearense, muito astuto em suas criações, ao abordar temas fora do cânone literário como o homossexualismo descrito em *Bom Criolo* de 1895, sua obra foi além das questões sexuais, se solidificou em um apanhamento de práticas sociais nas quais iremos discorrer neste trabalho. A intenção é mostrar que esta obra não trata apenas de uma relação afetivo-sexual, no entanto, o autor nos trouxe como pano de fundo outros temas como miséria, crimes e desvios de caráter, característica marcante do exagero naturalista que o autor depositou em sua obra. O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar esse exagero naturalista na obra citada anteriormente, baseando-se em análise do corpus, pois é notável a intenção do autor que desde o nome da obra já expõe uma das principais características do movimento no qual participa, e também em comparações da obra *Bom Crioulo* com outras obras como, *O cortiço* de Aluísio Azevedo e *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, fazendo análise de publicações jornalística da época e comentários de alguns críticos renomados como Valentim Magalhães e autores como Émile Zola, e Alfredo Bosi entre outros.

Palavras-chave: *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha, Naturalismo.

ABSTRACT

Adolfo Caminha, a cearense novelist, very astute in his creations, when approaching outside the literary canon as the homosexuality described in *Bom Criolo* of 1895, his work went beyond sexual issues, solidified in a collection of social practices in which we will discuss in this job. The intention is to show that this work is not just about an affective-sexual relationship, however, the author brought us as a backdrop other themes such as misery, crimes and character deviations, a striking characteristic of the naturalistic exaggeration that the author deposited in your work. The main objective of the present work is to present this naturalistic exaggeration in the work mentioned above, based on the analysis of the corpus, as it is remarkable the intention of the author who, since the name of the work, already exposes one of the main characteristics of the movement in which he participates. , and also in comparisons of the work *Bom Crioulo* with other works such as *O cortiço* by Aluísio Azevedo and *Madame Bovary* by Gustave Flaubert, analyzing journalistic publications of the time and comments by some renowned critics such as Valentim Magalhães and authors like Émile Zola, and Alfredo Bosi among others.

Keywords: *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha, Naturalism

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 ANÁLISE DO CORPUS.....	14
2.2 Adolfo Caminha: Um escritor sem medo.....	22
3 INFLUÊNCIAS NATURALISTAS	27
4- O PIONEIRISMO DE ADOLFO CAMINHA E A TEMÁTICA HOMOSSEXUALIDADE.....	30
5. CONTEXTO HISTÓRICO: BRASIL ENTRE OS SÉCULO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	35

1 INTRODUÇÃO

Bom Crioulo, obra de cunho naturalista publicada em meados do século XIX, tem como autor Adolfo Caminha, livro esse que durante muitos anos foi excluído do cânone literário por abordar temas pouco aceitos naquela época como a homossexualidade e relacionamento interracial.

Esta obra conta a história de um escravo fugido que temia voltar à fazenda de onde tinha saído, e adentrou a marinha na intenção de ser livre. Amaro que no decorrer da obra fica conhecido como Bom Crioulo “era um homem robusto de grande estatura, olhos claros” de acordo com Caminha (2007).

Adolfo Caminha traz na sua criação tudo que o Naturalismo defendia de uma maneira explícita e exagerada, pois enquanto outros autores da sua época como Aluísio Azevedo, Cruz e Sousa trazia nas suas criações o adultério as mazelas sociais como foco central na sua obra, Adolfo traz um protagonista negro que se apaixona por uma grumete cor branca, num ambiente que até o presente momento era sagrado para a sociedade que eram os navios onde se preparavam os homens para defender o país.

É notável que o jovem escritor tinha seus motivos para escrever sobre o que acontecia nos navios da marinha brasileira, como já tinha sido segundo tenente, mas teve que pedir demissão por ter um caso com a mulher de um outro oficial, sendo assim, não se contentou com as injustiças e hipocrisias da sua época.

Caminha encontrou na sua criação e no movimento vigente a chance de fazer diversas denúncias a respeito do que acontecia nas galés e nos escritórios da marinha, ou seja, ele traz desde o nome da obra características do movimento, traz também no início da obra uma cena de açoite que era comum acontecer na marinha, mas para a época era “normal”, pois tinha um código que era lido para todos antes de começar as chibatadas, trouxe também as condições precárias e a enorme carga de trabalho que era imposta aos marinheiros.

No entanto, o que realmente chocou a sociedade de 1895 não foram as denúncias sociais nem as precárias condições de trabalho da época, mas sim trazer na sua obra um protagonista negro e homossexual que é o ativo na relação com um grumete de apenas 15 anos.

Diante disso, observa-se neste trabalho os seguintes capítulos, Análise dos Corpus, onde é colocado trechos da obra que traz as principais características do movimento naturalista no Brasil e denúncias a Marinha brasileira.

No segundo capítulo, Adolfo Caminha: Um escritor sem medo, trata-se sobre sua vida, como começou e todos os ataques que sofrera após a publicação da obra *Bom Crioulo*, as comparações entre autor e obra feitas por críticos renomados como Valentim Magalhães, jornais, revistas da época e até por amigos próximos.

O terceiro capítulo traz as influências naturalistas que Adolfo Caminha tinha de Émile Zola a inspiração e admiração pelas obras europeias e suas características e a maneira como cada autor é singular ao abordá-las em suas obras.

Logo mais observa-se o contexto histórico em que a obra *Bom Crioulo* foi publicada, levando em consideração que o movimento naturalista surge na Europa e serve de inspiração para os autores brasileiro que ainda vivem em campanha para abolir a escravidão e usam suas criações para tais ataques a monarquia brasileira.

Portanto, este trabalho tem objetivo mostrar através da análise da obra, da opinião de críticos renomados como Valentim Magalhães um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e autores como Alfredo Bosi, Robert Howes, entre outros, que Adolfo Caminha adentrou profundamente na fonte do Naturalismo que fez com que fosse criticado durante muitos anos e por certo tempo esquecido dos cânones literários.

2. ANÁLISE DO CORPUS

O presente trabalho fará análise da obra *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha que é uma obra naturalista, então não surpreenda-se com o que será apresentado, sim, pois, 1895 este ousado autor teve a coragem de escrever sobre um tema bastante criticado até os dias de hoje, pleno século XXI, imagine a mais de um século atrás como não teria sido falar sobre homossexualidade, como afirma Trevisan que, “ali onde a ficção se deixa expandir, Caminha coloca-se a quilômetros à frente do seu tempo” (TREVISAN, 2011, p. 254).

Neste capítulo nos resumiremos a análise da obra aqui em questão, pois bem, *Bom Crioulo* conta a história de um escravo que fugiu da fazenda onde era cativo e decidiu entrar para a marinha, para Caminha 2007:

"Nesse tempo o "negro fugido" aterrorizava as populações de um modo fantástico. Dava-se caça ao escravo como aos animais, de espora e garrucha, mato a dentro, saltando precipícios, atravessando rios a nado, galgando montanhas... Logo que o fato era denunciado - aqui-del-rei!- enchiam-se as florestas de tropel, saíam estafetas pelo sertão com um clamor estranho, medindo pegadas, açulando cães, rompendo cafezais. Até fechavam-se as portas, com medo..." (CAMINHA, 2007, pág. 24).

Mas Amaro, sim este era nome do vulgo *Bom Crioulo*, que mais a frente veremos o porquê deste apelido, ele não queria mais fugir, mas ao contrário do que pensava, foi justamente ao lugar onde havia mais disciplina, a marinha, que para Amaro com todos os seus excessos não se comparava aos cafezais de onde tinha fugido.

Quando chega bordo Amaro causa espanto em seus companheiros pois este “era uma figura exótica de um marinheiro negro, de olhos muito brancos, lábios grossos, com um sorriso idiota, e em cuja fisionomia demonstravam características de estupidez e subserviência, Caminha 2007.

A descrição feita a Amaro é sempre ressaltando seu porte físico, mas para destacar através da sua postura colossais a animalização do personagem, ao contrário acontece com Aleixo todas as descrições feitas ao grumete ele é diminuído através de palavras como “marinheirito”, “rapazinho” mostrando que ele é obediente e submisso como vemos em, “um belo marinheirito de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se “coisas”” Caminha 2007.

A obra nos traz desde o início a evolução do personagem Amaro que em pouco tempo após a sua chegada a marinha ele conquista a confiança dos seus comandantes pelo seu comportamento doce e manso, que nem parecia o mesmo quando chegou que causou expressão sombria e constrangimento nos outros marinheiros.

Amaro por ser bom e bastante prestativo, no seu primeiro ano nunca mereceu uma pena de um castigo disciplinar, pois era comum a marinha castigar seus oficiais pela justa ou injusta das causas. Mas justamente por não merecer nenhum tipo de castigo com seu jeito de subserviência ganha dos seus comandantes o carinhoso apelido de “Bom Crioulo”.

Ademais, apelido bastante sugestivo se analisarmos as características do protagonista Amaro “era um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando com formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração decadente enervada” (CAMINHA, 2007, pg. 21) que remete a raça de cavalos Crioulo que foi trazida para o Brasil no XVI por colonizadores espanhóis, ela era capaz de adaptar-se a qualquer tipo de clima assim como Bom Crioulo, de acordo com Caminha 2007:

A disciplina militar, como todos os seus excessos, não se comparava ao penoso trabalho da fazenda, ao regime terrível do tronco e do chicote. Havia muita diferença... Ali ao menos, na fortaleza, ele tinha sua maca, seu travesseiro, sua roupa limpa, e comia bem, a faltar, como qualquer pessoa, hoje boa carne cozida, amanhã succulenta feijoadada, e, às sextas-feiras, um bacalhauzinho com pimenta e sangue de Cristo... (CAMINHA, 2007,pg 25).

Bom Crioulo não era diferente, acabara de chegar na marinha sentia-se no céu, mesmo com todos os excessos e abusos de seus comandantes como foi citado anteriormente ele estava satisfeito e feliz. Outra característica da raça crioula era a força bruta a resistência e longevidade, características que estão presentes em várias páginas do romance: Para Caminha 2007.

como o braço mais forte, o peito mais robusto de bordo. Os grandes pesos era ele quem levantava, para tudo aí vinha Bom-Crioulo com seu pulso de ferro, com a sua força de oitenta quilos, mostrar como se alava um braço grande, como se abafava uma vela em temporal, como se trabalhava com gosto. (CAMINHA, 2007, pág.30)

Assim sendo, percebe-se o exagero do naturalista na obra aqui destacada, e Adolfo Caminha mergulha profundamente nessa vertente ao trazer para o leitor uma obra que a partir do próprio título “*Bom Crioulo*” já traria uma das principais características desse movimento que é a zoomofização do personagem, enquanto outros autores caprichavam na escolha do título da obra para não causar espanto e dar tempo das pessoas pelo menos comprar, ler a obra e depois fazerem suas críticas. Caminha com seu exagero naturalista causa repúdio e as consequências são críticas, apontamentos, e comparações aos seus personagens durante muitos anos.

Caminha traz em outros trechos da obra essa zoomofização do personagem quando escreve que “o negro parecia uma fera desencarcerada: fazia todo mundo fugir, marinheiros e homens da praia, porque ninguém queria ser agredido, Caminha 2007, ou seja, o autor utiliza o termo fera desencarcerada fazendo menção a Bom Crioulo.

Contudo por tratar-se de um período bastante conturbador, uma fase de adaptação da sociedade ao negro livre circulando pelas cidades procurando trabalho para sobreviver, e eles tinham o seu grande porte físico a seu favor, como por exemplo o personagem do nosso objeto de estudo, Amaro, e principalmente o costume de trabalhar já que a sociedade burguesa da época era sustentada por essa força de trabalho escrava e agora não mais, pelo menos não oficialmente, porque a Lei Áurea foi assinada em 1888, lei essa que abolia a escravidão no Brasil.

Mas isso serviu apenas para mascarar a verdadeira escravidão, ou seja, a escravidão que acontecia como forma de servir ao país, como é evidente na voz do protagonista, “escravo na fazenda, escravo a bordo, escravo em toda parte... E chamava-se a isso servir à Pátria”! Caminha2007.

O que é mais interessante, os críticos, jornalistas, e a população leitora da época a única coisa que os incomodava era o fato de Amaro amar a Aleixo, comparar o personagem ao um animal a escravidão de forma nua e crua não fazia a menor diferença, pois era comum estes rótulos aos negros no ano de 1895.

Ademais quando chega ao navio um rapazinho magro, muito amarelo, rosto liso, completamente imberbe, Caminha 2007, era Aleixo um grumete de apenas 15 anos de idade que caiu nas graças do negro, tanto que, Amaro esmurrara desapidadamente um

segunda classe, porque este ousara, sem o seu consentimento, maltratar o grumete Aleixo, um belo marinheirito de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se “cousas”, Caminha 2007. Decerto, percebe-se que, a marinha não se importava muito com a idade dos seus marinheiros, e os castigos era para todos independentemente da idade cor ou raça.

Portanto, essa situação faz com que Amaro fosse açoitado, com certeza, mais uma das denúncias de Adolfo Caminha introduzira em seus romances, para a época não era certo, mas também não era errado os castigos já que existiam códigos, leis que eram lidas para todos, para Caminha 2007.

Fez-se nova leitura do Código em voz lenta e cadenciada de ofício religioso, e o comandante, formalizando-se dentro de sua farda muito justa e luzida: Sabe por que vai ser castigado? Sim senhor. (CAMINHA 2007. pág. 19)

Então, como era do conhecimento e “aceitação” de todos, no navio circulava a frase que tinham na ponta da língua “navio de guerra sem chibata é pior que escuna mercante”, Caminha 2007, ou seja, pra os marinheiros faziam-se necessário os castigos para manter o controle e a ordem do navio.

Amaro ao ser transferido para outro navio, sem ter licença para ir a terra percebe então o seu estado de escravo ainda não acabara, isso não é por acaso é mais uma característica do naturalismo, agora o determinismo escancarado na voz de Bom Crioulo, “Mas, Deus é grande! pensava Bom-Crioulo. Deus sabe o que faz: a gente não tinha remédio senão obedecer calado, porque marinheiro e negro cativo, afinal de contas, vem a ser a mesma cousa. (CAMINHA, 2007, pág.78)

Todavia os marinheiros que chegavam para preencher o quadro de oficiais da marinha não eram pessoas, ou melhor, homens que estariam ali dispostos a lutar pelo seu país caso fosse necessário e sim porque não tinham opção, eram presidiários, escravos fugidos, assaltantes entre outros pequenos delitos, pois “a marinha, nessa época, com dificuldade de preencher seu quadro, destinar jovens indisciplinados a ingressar muito cedo na vida militar, muitas vezes indicado pela própria polícia (GRANATOS, 2007, pg. 8).

Em síntese, Bom Crioulo antes de conhecer a dura realidade da marinha estava ansioso para estar em alto mar, Caminha 2007:

Seu maior desejo, porém, sua grande preocupação, era embarcar fosse em que navio fosse, acostumar-se a viver no mar, conhecer, enquanto estava moço, os costumes de bordo, saber praticamente amichelar uma verga, rizar uma vela, fazer um quarto na agulha... Podia muito bem ser promovido logo... Invejava os que andavam no alto-mar, longe de terra, bordejando à solta por esses mundos de Deus. Como devia de ser bom para a alma e para o corpo o ar livre que se respira lá fora, sobre as águas! (CAMINHA, 2007, pág. 26)

A ansiedade tomava conta do marinheiro de primeira viagem, quando fora promovido finalmente para estar em alto mar, tudo aquilo que ele imaginara estava acontecendo, valeu apenas todos os esforços dedicados a marinha, ao sair todos os seus amigos encomendavam lembranças possíveis e impossíveis de se trazer, na sua primeira noite em alto mar, “não conseguiu pregar os olhos de tanta ansiedade e ficou a noite inteira contando as estrelas”, Caminha 2007.

Contudo esta viagem fora a primícias de uma série de acontecimentos na vida de Bom Crioulo, mas o que acontecera então? De acordo com Caminha 2007.

A bordo todos o estimavam como na fortaleza, e a primeira vez que o viram, nu, uma bela manhã, depois da baldeação, refestelando-se num banho salgado foi um clamor! Não havia osso naquele corpo de gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma idéia de força física sobre-humana, dominando a maruja, que sorria boquiaberta diante do negro. (CAMINHA, 2007, pág. 29)

Bom Crioulo era algo fora do comum, seu porte físico avantajado que dava medo em seus companheiros, mas com todo medo que provocava nas outras pessoas ele continuava a trabalhar e tudo que fosse pesado ele era incumbido de carregar, e assim sua fama corria por todos os navios. “Um pedaço de bruto, aquele Bom-Crioulo! diziam os marinheiros. Um animal inteiro é o que ele era”! Caminha 2007.

Ademais, Bom Crioulo se apaixonou por Aleixo sua amizade com o grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se cruzaram pela primeira

vez foi amor à primeira vista. Ao ver seu lindo grumete sendo hostilizado pelos outros marinheiros ele toma as dores para si, é castigado, mas mesmo assim estava satisfeito. De acordo com Caminha 2007:

Reconhecia que fizera mal, que devia ser punido, que era tão bom quanto os outros, mas, que diabo! estava satisfeito: mostrara ainda uma vez que era homem... Depois estimava o grumete e tinha certeza de o conquistar inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro... Estava satisfeitíssimo.

Então, Amaro não se importava com os castigos, mas ele tinha a certeza que assim conquistaria seu Aleixo, “determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal, de proteção exagerada, que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea,” Caminha 2007, assim assemelhando a relação dos dois a do homem com uma mulher.

Naturalmente que Bom Crioulo já estivera com outras mulheres, quando estavam em alto mar paravam em algumas cidades e visitavam bordéis, mas Amaro sempre foi indiferente a certas coisas chegando a passar a vergonha quando estava com alguma mulher. “Quando tinha 20 anos estive com uma rapariga em Angra dos Reis, mas deixara uma péssima imagem como homem e outra vez bateu na porta de espanhola e saiu envergonhadíssimo e prometera que nunca mais iria se importar com essas coisas”, Caminha 2007.

Ademais o que podemos perceber que Adolfo Caminha ao está na marinha presenciara tais atos, e não somente dos marinheiros de primeira classe, mas também os comandantes, ele traz trechos na obra que relatam essas afirmações, segundo Caminha 2007:

o comandante Albuquerque recompensava os serviços de sua gente, não se negava a promover os seus afeiçoados. Isso de se dizer que preferia um sexo a outro nas relações amorosas podia ser uma calúnia como tantas que inventam por aí.... (CAMINHA.2007, pág.30)

Assim sendo mais um motivo para a obra *Bom Crioulo* sofrer inúmeras críticas, tantas literárias como políticas. Certamente Adolfo Caminha sabia que isso iria acontecer, mas para tentar amenizar o impacto que sua obra traria a sociedade ele é bastante sucinto ao descrever a primeira relação amorosa entre Amaro e Aleixo e deixa claro

que também não concorda com a homoafetividade dos dois, ‘E consumou-se o delito contra a natureza’. Caminha (2007). Mostrando assim que a relação não era “normal”.

Contudo como trata-se de uma obra naturalista e o determinismo se faz presente o que era para ser amor para vida inteira, acaba de jeito trágico. Após muitos anos Amaro viajou e conheceu o mundo quase todo, mas com o passar dos anos aquilo que lhe trazia muita felicidade agora só trazia raiva e desprezo.

Amaro amava, protegia, cuidava muito de Aleixo, ele só andava bem arrumado e cheiroso, ainda lhe prometera muitas coisas e uma delas foi um quartinho para os dois se encontrarem nos dias de folga, mas o que era pra ser uma lua de mel torna-se uma lua de fel. A dona da casa onde Bom Crioulo aluga o quartinho é Carolina, ela sabia das opções do Amaro, mas não se importava.

Evidentemente o que os leitores não imaginavam que Carolina uma senhora de uns quarentas e poucos anos iria se apaixonar por Aleixo e fazer o que estava ao seu alcance para separar os dois. Entretanto, o que o autor queria nos mostrar era a uma evolução do personagem Aleixo e decadência de Amaro. O Grumete que antes era um menino frágil, com o passar dos anos criou um corpo robusto e aprendeu a defender-se sozinho, percebe-se aqui a influência do meio e a adequação do personagem a sua realidade.

Então, como Bom Crioulo estava cada dia mais estressado pelo trabalho, Carolina se aproveita de Aleixo, diga-se de passagem, estava mais lindo do que nunca, porque era bem cuidado por Amaro e agora por Carolina. Como o comportamento de Amaro mudara ao longo dos anos “ele ia se fazendo esquerdo, cuidando mais de seus interesses que de outra coisa, passando um mês no hospital e outro mês a bordo, ou em terra, com licença.” Caminha (2007). Certamente todos esses ambientes afetavam o nosso protagonista que antes era tão bom e prestativo e agora já não se importava se havia de receber seu soldo quer trabalhasse, quer não trabalhasse ou não.

Além de ter ficar longe do seu amado Aleixo, Amaro foi açoitado várias vezes até parar num hospital prisão da marinha, era isolado, em um ambiente insalubre, e como de costume não cuidavam muito bem dos pacientes, nem fisicamente ou psicologicamente, diante de toda essa situação Bom crioulo recebe a notícia que Aleixo não o

procura porque está feliz com Carolina e que bastou virar as costas para ela se entregar a outra pessoa e começar a desdenhar dos cuidados de Amaro.

Contudo isso, Amaro fica possesso e vai fazer de tudo para fugir do hospital prisão que ficava no topo da ilha, para comprovar os boatos, e ao chegar na rua da misericórdia fica à espreita até avistar Aleixo e mais uma vez o determinismo assegura um afinal trágico aos personagens naturalistas. Portanto, o romance se encerra com Aleixo esfaqueado no meio da rua onde é cercado por pessoas e enquanto Amaro é preso pela polícia.

Não se sabe o que se passa na cabeça de Amaro nos minutos que antecedem o assassinato de Aleixo, mas é perceptível é que o autor Adolfo Caminha traz para os leitores do século XIX uma revolta através de seu personagem Bom Crioulo, ou seja, Caminha nos mostra como a sociedade é capaz de corromper até mesmo a melhor das índoles.

Ademais, durante análise deste corpus percebemos diversas vezes que Amaro só queria viver sua vida tranquila, “cumprindo seus deveres a bordo, vindo a terra duas vezes por semana em companhia de Aleixo, sem dar motivo a castigos ou recriminações” (Caminha, 2007). Mas, como o autor é movido pelo movimento que o norteia, então, todos os caminhos levariam Bom crioulo a matar Aleixo na obra.

2.2 Adolfo Caminha: Um escritor sem medo

Adolfo Caminha nasceu em 29 de maio de 1867 em Aracati, Ceará, e faleceu em 1º de janeiro de 1897 no Rio de Janeiro de tuberculose doença que fez muitas vítimas na época, principalmente autores, tanto que foi considerada a doença dos poetas. Ele era abolicionista, republicano, leitor amante de Zola.

Era filho de Raymundo Ferreira dos Santos Caminha e Maria Firmina Caminha. Ingressou na Marinha de Guerra onde atuou como segundo-tenente. Em 1888 é transferido para capital do Ceará e acaba se envolvendo com a mulher de outro militar, ela separa do seu marido para morar com Adolfo, situação que causou bastante escândalo na sociedade, tanto que Caminha teve que abandonar suas funções na marinha.

Caminha fica bastante revoltado com toda esta situação, mas alguns meses depois assume um cargo público, e do seu envolvimento com Isabel nascem suas duas filhas Belkiss e Aglaís. Era o suficiente para a crítica fazer comparações entre vida e obra do autor, e também para que ele fosse incompreendido e sofrer durante anos tentando defender sua obra, *Bom Crioulo*.

Ainda quando atuava na Marinha escreveu sua primeira publicação chamada de *Voos incertos* em 1886. Mas a obra que marcou a carreira do escritor foi *Bom Crioulo* em 1895 por abordar um tema nunca antes tratado na literatura brasileira a homossexualidade, mas não só por isso, mas também por trata-se de uma relação entre um negro, Amaro, e um branco, Aleixo.

Para os “padrões” ditos “consevadores” da época era o terror da literatura a “mancha” deixada pelo naturalismo como é citado na crítica de Valentin Magalhães (1985), segundo ele:

Ora o Bom-Crioulo excede tudo quanto se possa imaginar de mais grosseiramente imundo. [...] não é um livro travesso, alegre, patusco, contando cenas de alcova ou de bordel, ou noivados entre as hervas, à lei do bom Deus, como no *Germinal*... nada disso. É um livro ascoroso, porque explora – primeiro a fazê-lo, que eu saiba – um ramo de pornografia até hoje inédito por inabordável, por ante-natural, por ignóbil. Não é pois sómente um livro faisandé: é um livro podre; é o romance-vômito, o romance-poia, o romance-pus. [...] Este moço é um inconsciente, por obcecação literária ou perversão moral. Só assim se pode explicar o fato de haver ele achado literário tal assunto, de ter julgado que a história dos vícios bestiais de um marinheiro

negro e boçal podia ser literariamente interessante. (A NOTÍCIA, 1895)

Como é observado Valentim Magalhães não mediu as palavras para criticar o livro e a Adolfo Caminha, usou palavras de baixo calão procurando não só criticar mas ofender o escritor da obra. No entanto, não só Valentim criticava Caminha e sua obra, como outros jornais e revistas também, mas como tudo que é muito criticado sempre se tem a curiosidade de se averiguar, sendo assim, o recorde de vendas superou todos os outros livros de Caminha como *A Normalista* que já era um sucesso do escritor. Existiam vários comentários na imprensa da época que não perdiam a oportunidade de criticar a obra e o autor com comentários maldosos como nota-se no trecho a seguir, de acordo com Léo 1897:

O Bom-Crioulo, atrevido romance naturalista, acabou por torná-lo apontado, sendo a sua obra o alvo de discussões e controvérsias, pelo cru e arrojado da descrição de um caso de depravamento moral – infelizmente não raro nem fantasioso – e imprimindo a nota escandalosa à vida pública do moço escritor. (LÉO, 1897, p. 5)

Como é notável a crítica não hesitava em fazer comentários a respeito da obra e vida do autor chegando a comparar a vida de Caminha a de Bom Crioulo e associar que ele teria vivido as mesmas experiências que o marinheiro da ficção quando esteve ligado a marinha.

Para a época era mais fácil os comentários sórdidos a respeito de Caminha do que a sua obra, para alguns jornais que receberam o livro como *Gazeta Notícias e Jornal Cidade do Rio*, porque era comum se entregar um exemplar para os jornais antes da publicação, o livro *Bom Crioulo* não era uma evolução do autor de *A Normalista*, ou seja, queriam dizer que ele também tinha mantido relações sexuais com homens, pois, “também ele fora grumete e portanto o caso que descrevera em Bom-Crioulo era fruto de uma experiência pessoal” (HOWES, 2005, p. 02)

Em 1960 tentaram fazer uma nova reimpressão do livro, mas foram impedidos e acusados de comunistas, nesta mesma época quase toda a imprensa descrevia o livro como “abjeto”, mas, como é cultural aqui no Brasil “santo de casa não faz milagres” para melhor entender o dito popular quando a versão americana de *Bom Crioulo* foi

editada, vários especialistas assumiram que a obra era genuína e a pioneira em abordar o amor entre dois homens, mudando o teor seus comentários, segundo Robert Howes 2005:

David Brookshaw diz que Caminha atribui a homossexualidade de BomCrioulo à devassidão e imoralidade da vida escrava, resultando na incontrolável e destrutiva paixão e sexualidade. David Haberly vê o romance como uma obra de "desespero total" e refere-se "à visão intensivamente pessimista de Caminha" do Brasil "preso entre a degeneração da sua população não branca e os encantos murchos e estéreis" da Europa e de seus imigrantes. Nelson Vieira interpreta Bom-Crioulo como exemplo de lusofobia, analisando as personagens portuguesas de Caminha "como símbolos de corrupção, desdém e exploração". (HOWES, 2005, p. 1)

O maior crítico literário da época de 1895, mesma data de publicação de *Bom Crioulo*, Valentim Magalhães já citado aqui anteriormente membro fundador da Academia Brasileira de Letras faz uma relação entre a vida e obra do então autor discutido aqui, Adolfo Caminha, para ele a questão homoafetiva descrita no livro é entendida como algo “vicioso” de acordo Robert Howes 2005:

Magalhães imaginava um livro em que se fazia a apologia do negro brasileiro e procurava reabilitá-lo como elemento etnológico, pondo em evidência as suas qualidades psicofísicas: "E venho encontrar unicamente um negralhão bronco, analfabeto, completamente instintivo, e aberrantemente vicioso." Sugeriu que o livro foi baseado na própria experiência do autor e terminou por jogá-lo no caixão do lixo (HOWES, 2005, p. 02)

Percebe-se que o livro não atendeu as expectativas de Magalhães quando ele traz sua concepção médico-científicas a respeito deste, ele deixa claro quando fala que não imaginava um livro que se fazia apologia do negro brasileiro ou seja, o que ele queria que Caminha apenas retratasse em seu livro as qualidades físicas, a falta de adequação social já que o negros tinham sido “libertos” a pouco tempo, mas o que ele encontrou foi um “negralhão bronco,” analfabeto, completamente instintivo, e aberrantemente vicioso” e como era de se esperar também associa o livro ao autor “sugerindo que o livro foi baseado nas experiências do autor.

Bom Crioulo causou tanto alvoroço, que até os próprios amigos de Caminha não poderiam deixar de comentar sobre a obra do momento, sendo assim Francisco Pacheco

um dos literatos mais próximos de Adolfo faz seus comentários a respeito do livro. Segundo Pacheco 1895:

O assunto é escabroso. Trata-se dum corriqueiro caso de pederastia. Os amantes são imundos. O desfecho da repugnante inversão afigura-se-nos morigerador [...] a Carolina, a boa portuguesinha, transverteu ao caminho viril o enganado [Aleixo]. O “Bom Crioulo” é inegavelmente uma belíssima obra realista, em que pese aos valentins. [...] Caminha desenvolveu, com uma calma admirável o escabrosíssimo tema pederasta, do qual varios homens de reputação científica e literária se hão ocupado. (PACHECO, 1895)

É indubitável, que com esta quantidade de comentários a respeito de Caminha e sua obra, não seria bom para sua carreira e principalmente porque ele estava apenas no começo, por isso Caminha não poderia deixar de defender-se e oferecer aos críticos literários da época um reposta a altura, publicada em A Nova Revista de 1895 criada por ele mesmo. Segundo Caminha 1895:

Que é, afinal de contas, o Bom-Crioulo? Nada mais que um caso de inversão sexual estudado em Krafft-Ebing, em Moll, em Tardieu, e nos livros de medicina legal [...] A julgar como certos imbecis, que os personagens de um romance devem refletir o caráter do autor do romance, Flaubert, Zola e Eça de Queiroz praticaram incestos e adultérios monstruosos. (CAMINHA, 1895)

Caminha não poderia ter utilizado argumentos melhor do que citar outros autores que serviram de inspiração ao seus trabalhos como Zola, Flaubert, e Eça de Queiroz, no qual todos trataram de temas polêmicos e escandaloso para a época e nem por isso eram o que eles escreviam, a exemplo Flaubert que escreveu sobre adultério e nem por isso era adúltero, ou seja, Caminha mostrou aos críticos que a obra não reflete o caráter do autor.

Portanto, concordamos com Robert Howes 2005 quando ele diz que Adolfo Caminha sentiu a necessidade de responder aos seus críticos ao tentar mostrá-los que sua obra era tema debatido por grandes médicos como Richard Krafft-Ebing, de acordo com Howes 2005:

Este artigo tem sido citado frequentemente para explicar as razões de Caminha em escrever Bom-Crioulo mas isto precisa ser tratado com alguma precaução. Não era um depoimento desapaixonado sobre os seus métodos de escrever, mas uma tentativa de reparar o dano infligido pelos hostis comentários dos dois maiores críticos da época. O

principal propósito do artigo era rebater a acusação que *Bom-Crioulo* era um romance obsceno. Com este fim, Caminha enfatizou a seriedade do trabalho, apontando os seus antecedentes literários e científicos e baseou o seu apelo à legitimidade sobre as obras dos médicos contemporâneos especializados em homossexualidade. (HOWES, 2005, p. 03)

Adolfo Caminha recorria á autoridades médicas dos autores a fim de demonstrar como “estava atualizado com estudos sobre homossexualidade realizados na Europa, bem como uma armadura que lhe servisse de defesa em ralação a *Bom Crioulo*” (Bezerra, 2009).

Portanto, Adolfo caminha ao escrever rebates as críticas a sua obra trouxe uma questão antes não enxergada pela sociedade, os estudos sobre homossexualidade feitas antes mesmo da publicação da *Bom Crioulo* ,não que ele não acreditasse na seriedade da sua obra e na função literária que ela desempenhava na sociedade, mas no teor pejorativo quando fala-se em homossexualismo remetendo a doenças, sim, pois utiliza-se estes sufixo “ismo” na língua portuguesa para indicar doença uma coisa que homossexualidade não é.

Contudo, é percebido que Adolfo Caminha ao trazer uma obra polêmica para a época despertou a curiosidade de muitos para assuntos que antes era incumbido nas alcovas de uma sociedade hipócrita e aristocrática, mas que sempre existiu desde os início dos tempos.

3 INFLUÊNCIAS NATURALISTAS

Adolfo Caminha sempre apreciou a obra de Émile Zola e muito se via ele elogiando e admirando as ideias contidas nela, como podemos perceber no artigo *Cartas Literária* de 1895:

Quanto mais o leio maior é a minha admiração, maior o meu entusiasmo por essa obra colossal que vem, desde a Fortune des Rougou, estudando como um rio caudaloso e límpido, até ao Docteur Pascal, até Lourdes Naturalista ou épico, physiologista ou poeta, a grande questão é que Zola commove, Zola triumphha sobre o coração humano, toda a vez que nos surpreende com um livro novo, com um novo drama passional, com uma criação nova de seu génio maravilhoso e excepcionalmente fecundo. (CAMINHA, 1896, p.23).

Adolfo Caminha deixa bem claro a contribuição de Émile Zola para a arte e a literatura chegando até mesmo a compará-lo com William Shakespeare “eu, por mim, dar-lhe-ia um lugar distinto à mão direita de Shakespeare e Balzac” (CAMINHA, 1896, p. 24). Percebe-se de maneira clara esse embasamento em Zola com seus aspectos naturalistas nas obras de Caminha, tanto que aparece em alguns de seus trabalhos como, *Bom Crioulo* nosso objeto de estudo e a *Normalista* obra também do autor citado anteriormente.

Não somente estes aspectos se ajustavam perfeitamente ao caráter subversivo do autor e no seu entendimento de qual era o papel da literatura como arte no século XIX ou seja, Caminha ao se inspirar em autores europeus adequa-se a realidade em que ele estar vivendo no século XIX, como por exemplo a hipocrisia da marinha e da sociedade em geral.

Portanto, é possível perceber que o caráter revolucionário do autor quando ele escolhe os temas para suas obras trazendo algumas características naturalista antes defendida por Zola, como por exemplo a impessoalidade da narrativa o Positivismo entendido como um cientificismo exagerado, Determinismo no sentido de que o homem é fruto de meio, raça ou ainda momento, Darwinismo social entendido como os mais fortes prevalecerão, enquanto os mais fracos desaparecerão ou serão dominadas pelos mais fortes. Sendo assim, esse foi o legado deixado pelo movimento naturalista que tanto marcou o século XIX através das obras de Caminha e de outros autores como Aluísio Azevedo autor de *O cortiço* e *O Mulato*.

Alguns autores do naturalismo não queriam ser iguais aos autores do romantismo como sonhadores ou idealizadores, queriam fazer algo diferente, marcar a sociedade hipócrita do século XIX, e viram nas ideias de Zola esta inspiração e sendo influenciados pelas ideias

filosóficas e científicas da época retrataram o homem e a sociedade como realmente são, falsos, adúlteros, pessimistas, enganadores, aproveitadores e egoístas, assim percebemos o exagero nas obras de Caminha, exagero esse que tanto chocou o povo brasileiro no ano de 1985, não que não existisse homossexualidade naquela época, mas porque ninguém havia tido a coragem de escrever sobre determinado assunto e principalmente num ambiente tão recatado como a marinha.

Os romances naturalistas analisavam a sociedade, ou melhor, grupos de pessoas que pertenciam a determinado ambiente, valorizava seu comportamento, e como as pessoas reagiam a determinadas situações do cotidiano, como acontece em outros romances publicados naquela época como *O cortiço* de Aluísio Azevedo, nos dois romances os grupos de pessoas são a todo momento testado pelo autor, mas com um destino prescrito, já que era um romance naturalista e o determinismo assegurava um destino cruel ao seus personagens.

Realismo e Naturalismo são bastante coincidentes quando se trata de analisar e criticar a realidade da sociedade provinciana do século XIX, os escritores tem nas mãos o grande poder de escrever e levar ao público romances reais com pessoas reais onde os heróis já não existem mais, e os personagens são pessoas que lutam pela própria sobrevivência, e por isso são capazes de mentir enganar, e de se aproveitarem da boa vontade do próximo, como acontece em nosso objeto de estudo *Bom Cioulo*.

Émile Zola e Gustave Flaubert são os precursores do movimento literário Naturalismo que surgiu na Europa na segunda metade do século XIX. Em 1880 Zola publica o Romance Experimental e, no ano seguinte, lança sua grande obra *Germinal*, marcando o início do Naturalismo na Europa, que para escrevê-la conviveu com os trabalhadores nas minas de carvão. No ano de 1887 Flaubert publica *Madama Bovary* seu romance trazia uma mulher adúltera com um fim trágico totalmente fora do contexto em que os leitores do antigo movimento literário Romantismo estavam acostumados, o autor tinha o intuito de mostrar a realidade mais verdadeira e a sociedade não estava preparada para tirar o véu.

As obras naturalistas eram conhecidas pelo seu alto teor de análise social e aqui no Brasil temos a obra *O cortiço* que representa muito bem essa característica, tanto que, não sabemos se autor fala dos personagens ou se o personagem principal é o próprio cortiço, isso porque é notável que tudo que acontece dentro do cortiço é da conta de todo mundo, ninguém faz nada escondido e tudo todos sabem, de acordo com Quevedo 2017:

A conduta humana para Zola é determinada pela herança genética, pela fisiologia das paixões e pelo ambiente. Para o autor, o desenvolvimento das personagens e enredos deve ser determinado sob aspectos científicos similares aos empregados em experiências de laboratório. Assim, procurou empregar o método científico vigente à época fundamentado em conceitos como a hereditariedade e o determinismo científico (QUEVEDO, 2017, 27)

Diante disso percebe-se que o naturalismo nasce num cenário de grandes mudanças sociais, econômicas, políticas e tecnológicas na Europa. Os grandes escritores citados anteriormente tinham o intuito de retratar a realidade aprofundando nas questões sociais, como as paixões, como acontece em o *Bom Criolo*, os vícios e os sentimentos mais perversos e animalesco que o ser humano é capaz de demonstrar quando estar apaixonado.

Adolfo Caminha funda o jornal literário 1886 conhecido como A Nova Revista no qual ele mesmo era o editor e em algumas de suas publicações deixa clara sua influência artística e literária, dentre outros temas naturalistas herdados de Émile Zola, sua principal inspiração, para Caminha 1894:

— nada mais difícil que empreender uma obra revolucionaria e altamente civilisadora, demolindo falsos princípios, idéas falsas, velharias que repugnam a um cérebro bem orientado e ao senso philosophico de uma geração robustecida pelo estudo e pelo pensar próprio. Nós nos achamos no segundo caso ao lançar A Nova Revista; no entanto, fazemo-lo com desassombrada autonomia intellectual, com verdadeira independência de character, apelando exclusivamente para o esforço da mocidade, para os cérebros novos e educados no amor ao trabalho, para os que ahi vêem cantando a marselheza do ideal moderno e que hão de, necessariamente, completar a civilização brasileira golpeando o favoritismo literário, proclamando a era do trabalho e da intelligência, creando uma literatura original, uma crítica nova, uma arte nova, enfim, que seja o reflexo da vida que vivemos na larguíssima e deslumbrante zona americana.. (CAMINHA, 1894, p. 01).

Em síntese Adolfo Caminha soube de maneira genial provocar a sociedade provinciana do século XIX através de suas obras, mas principalmente através de *Bom Crioulo* colocando em prática o que o naturalismo propunha, um personagem sem perspectiva, vivendo à margem da sociedade com um destino traçado.

4- O PIONEIRISMO DE ADOLFO CAMINHA E A TEMÁTICA HOMOSSEXUALIDADE

Talvez Adolfo Caminha tivesse pensado um pouco a respeito de publicar ou não, uma obra com tema bastante perturbador para época, pois se ainda hoje falar de homossexualidade é difícil o preconceito o tabu ainda perduram , imagine no ano de 1895 com tantas mudanças no cenário mundial e nacional, Caminha merece toda admiração de seus leitores porque enquanto os outros autores renomados como Gustavo Flaubert, Émile Zola, Aluísio Azevedo, retratavam em suas obras tema já conhecido e bastante discutido no realismo e romantismo como, mazelas sociais o adultério, entre outros , Caminha mergulha de cabeça no naturalismo e absorve o máximo de sua essência e publica *Bom Crioulo* , mostrando que o aprendiz supera o mestre, já que suas influências foram os autores citados anteriormente, para Bezerra 2009 :

Considerado pela história tradicional da literatura brasileira como um autor naturalista, Adolfo Caminha morreu de tuberculose, a doença que mais vitimou os românticos e serviu à historiografia como critério de conceituação dos românticos. Louvando Émile Zola como exemplo a seguir, tanto nas letras como na vida, não deixou de reconhecer Cruz e Souza como o poeta mais bem-acabado do seu tempo (BEZERRA, 2009, p. 24).

Adolfo Caminha foi bastante criativo ao abordar um tema muito incomum na sua época, a homossexualidade, vale ressaltar que atualmente ainda é constrangedor para a sociedade falar sobre o tema, mas como o livro fora publicado em 1895 é compreensível essa repercussão, não só pelo fato de tratar de homoafetividade, mas também pelo fato de acontecer na marinha e envolver negros, brancos e marinheiros em meio a uma sociedade que pregava o falso puritanismo sexual. De acordo com Abdalla e Campedelli 2004.

O Naturalismo surgiu no Brasil como uma “literatura imoral”, em face dos preconceitos provincianos. Na verdade, sua ação teve caráter reformista: uma adequação do país aos padrões estéticos e ideológicos mecanicistas da Europa industrializada. Ao preconizar uma arte participante, levou a literatura a contribuir de forma ativa para a renovação da vida brasileira. Temas ou assuntos característicos do Naturalismo – como o anticlericalismo, o republicanismo, a luta contra o preconceito racial e contra o puritanismo sexual – permitiram novas definições sócio-culturais sobre a identidade do país. (ABDALLA, CAMPEDELLI, 2004, p. 138)

O que Caminha trouxe foi uma realidade que há anos existia, mas que a sociedade ignorava devido ao falso puritanismo da época, sua intenção não era pregar a imoralidade e sim

trazer uma literatura com caráter reformista para tentar adequar-se ao que a Europa estava vivendo. Ao rebater críticas a respeito do tema que ainda hoje é tabu na sociedade, Caminha escreve

O naturalismo é a própria vida interpretada pela arte; e, sendo o romance o romance a forma mais natural da arte claro está que só é immoral quando não apresenta caracteres da obra artística. Ora, andou-se a escrever que o BOMCRIOULO “tem paginas excellentes, vigor de expressão, estylo claro...”, mas que o thema é baixamente repugnante. Logo, trata-se de uma obra em que só o thema é mau. Em arte, porém, não há themas maus, todos os assumptos, até os mais baixamente repugnantes, como o que inspirou a Huysmans o Lásbas, são optimos, desde que o escriptor saiba revesti-los de uma formaesthetica. E’ o meu caso, dil-o a critica, sem o querer, elogiando a forma do livro e condemnando o thema (CAMINHA, 1896 apud BEZERRA, 2009, p. 447 – grifos do autor)

Adolfo Caminha acredita que o autor é subordinado a ciências e sendo assim ele precisa trazer a realidade como ela é, mesmo que o tema do seu romance seja repugnante para a sociedade, na verdade ninguém estava preparado para recebe-lo.

Sendo o primeiro a escrever a respeito da temática homossexualidade sofreu inúmeras críticas durante sua vida, mesmo trazendo na obra um olhar conservador e contra o ato da homossexualidade, “e consumou-se o delito contra a natureza” mostrando sua discordância com tais práticas.

Portanto, Adolfo Caminha foi o pioneiro a escrever sobre a homossexualidade trazendo para a sociedade uma obra riquíssima em contexto histórico, denúncias sociais e comportamento humano.

5. CONTEXTO HISTÓRICO: BRASIL ENTRE OS SÉCULO

O Naturalismo surge no Brasil no ano de 1881 com a publicação do livro *O Mulato* de Aluísio Azevedo, período este em que a sociedade passava por diversas transformações científicas, sociais, políticas e principalmente industriais, cenário perfeito para a observação do homem como um ser patológico.

O ser humano passa a ser estudado dentro dos romances nos aspectos biológico, sexuais e psicológico de modo que todas estas características se refletirão na literatura. A exemplo apresenta-se o objeto de estudo “*Bom Crioulo*” obra criada dentro de um contexto social que prevalecia na época. Para Coutinho 2004, “em literatura, é a teoria de que a arte deve se conformar com a natureza, utilizando-se dos métodos científicos de observação e experimentação no tratamento dos fatos e personagens.

Diante de tais afirmações vale ressaltar que a Europa da segunda metade do século XIX passava uma transformação, em especial a França que estava acabando de sair de uma revolução onde a classe dominante agora era a burguesia que tinha como ideologia a ciência e a razão. Sendo assim, o Romantismo vai ficando de escanteio e dois novos movimentos com características semelhantes vão surgir na Europa que eram o Realismo/Naturalismo.

Na Europa surgiam as máquinas a vapor, os telefones e telégrafos, as fábricas iam criando mais força a grande demanda de pessoas saindo dos campos e se direcionando para as grandes cidades afim de arranjar trabalho, mas o que encontravam era salários abusivos e grandes jornadas de trabalhos.

Enquanto isso no Brasil, por volta dos anos de 1850 ainda estão decidindo através de campanhas a abolição da escravatura, alguns escritores que eram antimonarquistas traziam em suas obras estas revoltas, como Aluísio Azevedo ao escrever *O mulato*, que trata da história de rapaz filho de um fazendeiro e uma escrava, mesmo sendo de pele clara, olhos azuis e ter estudado para ser advogado a sociedade não o aceitava por ele ser descendente de escravos, e Adolfo Caminha com o nosso objeto de estudo *Bom Crioulo*, que traz um personagem negro que ao longo de sua vida descobre que não é livre apenas vive um escravidão desfaçada.

Ademais, como os autores nacionais sendo influenciados pelos escritores europeus também resolvem aderir as novas ideias, transformando seus romances em teses, onde poderiam testar todas as teorias que o movimento Naturalista traria tentando assim a equiparar-se a um cientista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, ao analisar algumas obras para o trabalho de conclusão de curso a pesquisadora depara-se com a *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha, obra e autor pouco conhecidos no meio acadêmico, mas o que chama a atenção de início foi a diferença no tema central da obra, mesmo que atualmente seja comum tratar de homossexualidade, ainda é um tabu, esta obra foi escrita no ano de 1895, daí, já é notável a repercussão que ela causou nas pessoas comuns e recatadas do século XIX .

Vale salientar que, ao fazer as primeiras leituras a pesquisadora se surpreende com as inúmeras denúncias que o autor traz a marinha brasileira, os maus tratos, grandes jornadas de trabalhos e ambientes insalubres. Além disso, percebe-se também que o autor Adolfo Caminha encontrou no movimento naturalista e através do seu exagero alcançar e criticar vários aspectos que ele não concordava quando ainda trabalhava na marinha.

Ao contrário do que se prega, Adolfo Caminha não era imoral ou imundo, só não quis ser que nem os outros autores da época, escrever com medo de ser rechaçado pela sociedade, e sair pingando nos seus romances um pouquinho de cada característica naturalista , e as vezes um pouquinho de romantismo, movimento anterior.

É certo que, ele exagerou ao usar das características do naturalismo, mas também é certo que ele acertou ao trazer uma obra prima para a sociedade, que pode contribuir para entendermos o contexto da época, para sabermos como foi o início da abolição da escravidão no Brasil, como a marinha fazia uso de sua força para manter seus oficiais e também como um ser humano é capaz de se corromper mesmo sendo bom e prestativo, como é caso de Bom Crioulo.

Sugere-se então, que a partir de agora a leitura de Bom Crioulo de Adolfo Caminha nas universidades em vestibulares sejam leitura obrigatória, pois vale conjecturar que é uma obra sublime rica em informações sociais, em contexto histórico e comportamento humano.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. Adolfo Caminha [manuscrito]: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897). 2009. 464 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/94010>>.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cutrix, 2004.

_____. Cartas Litterarias. Rio de Janeiro, 1895b. (Digitalizado na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro)

CAMINHA, A. Bom-Crioulo. [S.l.]: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/bom_crioulo2.pdf>. Acesso em: 29 nov 2007.

HOWES, Robert. Raça e sexualidade transgressiva em O Bom-Crioulo de Adolfo Caminha. Graphos: Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB João Pessoa, v. 7, n. 2/1, 2005 – p. 171-190.

PACHECO, Francisco. Arcadia: Revista d'Arte, Rio de Janeiro, Fasc. III, v. I, p. 45- 47, nov. 1895. (Digitalizado na Fundação Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro).

PREGER, Guilherme de Figueiredo. Entre o obscuro e o obsceno: a amara voz do outro em Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha. Palimpsesto, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016.

QUEVEDO, CRISTIAN ABREU DE. A Homoafetividade no romance Bom-Crioulo De Adolfo Caminha: Uma leitura crítica a partir de questões de gênero e sexualidade, 2017. Dissertação (Mestrado) Centro Universitário Campos de Andrade. Disponível em: file:///C:/Users/frans/Downloads/Dissertacao_Cristian_de_Quevedo.pdf

TREVISAN, J. S. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 8a ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

ZOLA, Émile. O romance experimental e o naturalismo no teatro. 2. ed. Rio de Janeiro: Elos Editora. 1991.